

# CONSTITUIÇÃO DO POSICIONAMENTO SUJEITO-LEITOR FEMININO EM UM LIVRO DE RECEITAS DA COLEÇÃO UNIÃO

## CONSTITUTION OF FEMALE SUBJECT- READER POSITION IN A COOKBOOK OF UNIÃO COLLECTION

**Ludmila Belotti Andreu Funo\***

*CLDP-UNESP/FCL Assis*

**Maisa de Alcântara Zakir\*\***

*PNPD-PPGLLP-UNESP/FCL Araraquara*

\* Doutora em Estudos  
Linguísticos,  
ludmilabafuno@  
gmail.com.

\*\* Doutora em  
Estudos Linguísticos,  
maisa.zakir@unesp.  
br.

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar como um livro de receitas, intitulado *200 Receitas do Açúcar União*, produz (a) uma posição de sujeito-leitor feminino; e, concomitantemente, (b) uma posição ou espectro-enunciativo, que dialoga e interpela esse sujeito-leitor discursivamente construído. O arcabouço teórico para o horizonte de interpretação desta análise filia-se à Análise do Discurso de linha pecheutiana. A análise evidencia que a posição sujeito-leitor deflagrada dialoga com a posição social e as práticas sócio-históricas almejadas para as mulheres (não apenas) daquele período. Essa correspondência se estabelece por meio de mecanismos interpelativos que opõem, ideologicamente, a posição sujeito-leitor a outras posições-sujeito possíveis, o que inclui a posição-sujeito assumida pela Companhia de Refinadores Açúcar União, que assina as propagandas. Essa dinâmica de oposições define a quem as receitas são destinadas e, também, molda discursivamente os espaços, a identidade de gênero esperada e as práticas sociais permitidas para as mulheres de até então. Finalmente, cabe ressaltar que ao identificarmos essa posição de sujeito-leitor, também nos posicionamos como sujeitos que enunciam a análise na atualidade, em um momento em que o papel da mulher se distancia temporal e ideologicamente do contexto enfocado no artigo.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Posições de sujeito. Identidade de gênero.

**Abstract:** The purpose of this article is to analyze how a cookbook, entitled “200 Recipes of Sugar *União*”, produces (a) a female subject-reader position; and, concomitantly, (b) a position or enunciative-spectrum, which dialogues and interpellates this discursively constructed subject-reader. The theoretical framework for the horizon of interpretation of this analysis consists of Pecheutian Discourse Analysis. The analysis shows that the exposed subject-reader position dialogues with the social position and socio-historical practices aimed at the women from (but not only) that period. This correspondence is established through interpellative

mechanisms that ideologically oppose the subject-reader position to other possible subject-positions. This includes the position-subject assumed by the *Companhia de Refinadores Açúcar União*, which signs the advertisements found in the book. This dynamic of oppositions defines to whom the recipes are addressed and, also, discursively shapes the spaces, the expected gender identity and the social practices allowed for the women of the time. Finally, it is worth emphasizing that when we identify this subject-reader position, we also position ourselves as subjects that enunciate the analysis in the present time, at a time when the role of women is temporally and ideologically distanced from the context focused on the article.

**Keywords:** Discourse Analysis. Subject positions. Gender identity.

## Introdução

Neste artigo, analisamos excertos de quatorze textos extraídos de um livro de receitas pertencente a uma coleção muito popular no Brasil. O livro é intitulado *200 Receitas do Açúcar União* e é uma das publicações da Companhia União dos Refinadores, em atividade desde 1910.

Trata-se de uma coleção muito presente na memória coletiva nacional e a aquisição de seus exemplares era muito cobiçada na época de suas publicações. Estamos nos referindo a um tempo em que não havia internet, televisão era para poucos e telefones também eram raros. Uma época em que o rádio era uma das principais formas de entretenimento e informação, assim como os jornais impressos, e as receitas culinárias eram coisa de família, herdadas de cadernos manuscritos, quando as autoras e as herdeiras sabiam ler e escrever, ou decoradas pelo convívio com as mulheres mais antigas, as avós, as empregadas domésticas, predominantemente negras ou mestiças, as mães. Cozinhar no cotidiano era, portanto, uma tarefa feminina. A figura 1, a seguir, ilustra a capa da edição do livro que analisamos neste artigo.

**Figura 1:** capa da edição a ser analisada neste artigo.



Fonte: <https://www.ciauniao.com.br/nossa-historia>

A aquisição das obras se dava mediante a comprovação da compra do açúcar da marca em questão. As embalagens desse produto eram, então, trocadas pelos livros de receitas em postos que ficavam em supermercados, feiras, ou lugares do tipo. As ilustrações nessas publicações – fotos coloridas de doces, bolos e demais guloseimas – povoavam o imaginário das crianças, com tudo muito bem decorado.

### Contextualização sobre a relevância das receitas *União*

Para compreender o contexto analisado neste artigo, bem como a relevância social desses livros de receita, ou seja, sua importância para mulheres, crianças e para a memória coletiva das pessoas daquela época, lançamos enquetes informais em uma rede social, conforme ilustram as figuras 2, 3, 4 e 5 a seguir:

Figura 2: comentário sobre a capa do livro “200 Receitas do Açúcar União”, feito em rede social, por um jovem rapaz de aproximadamente 20 anos.

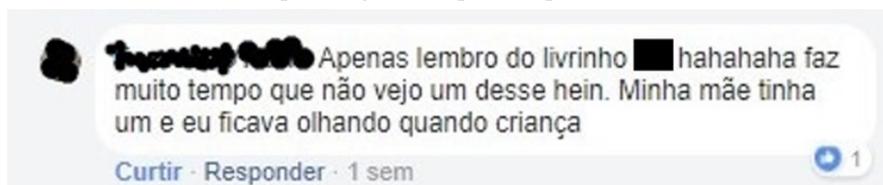


Figura 3: comentário sobre a capa do livro “200 Receitas do Açúcar União”, feito em rede social, por uma mulher de aproximadamente 40 anos.

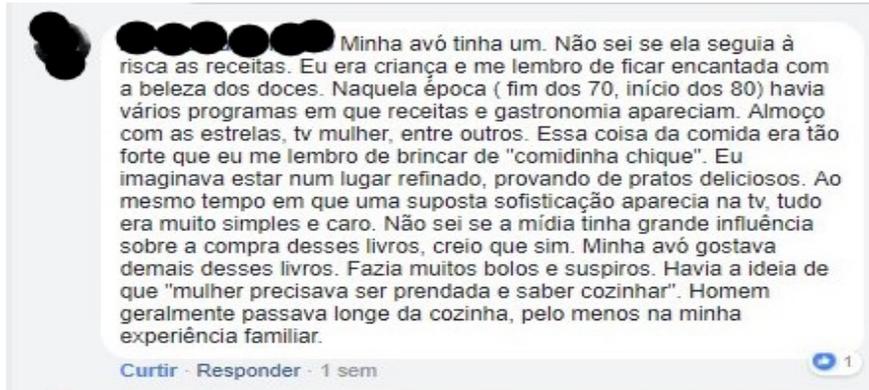
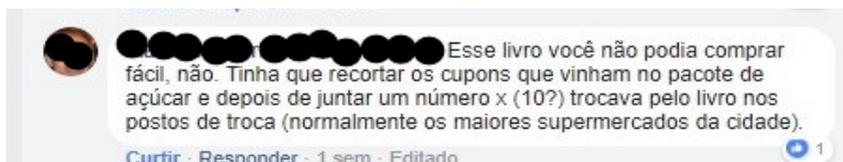


Figura 4: comentário sobre a capa do livro “200 Receitas do Açúcar União”, feito em rede social, por uma mulher de aproximadamente 40 anos.



Figura 5: comentário sobre a capa do livro *200 Receitas do Açúcar União*, feito em rede social, por um homem de aproximadamente 50 anos.

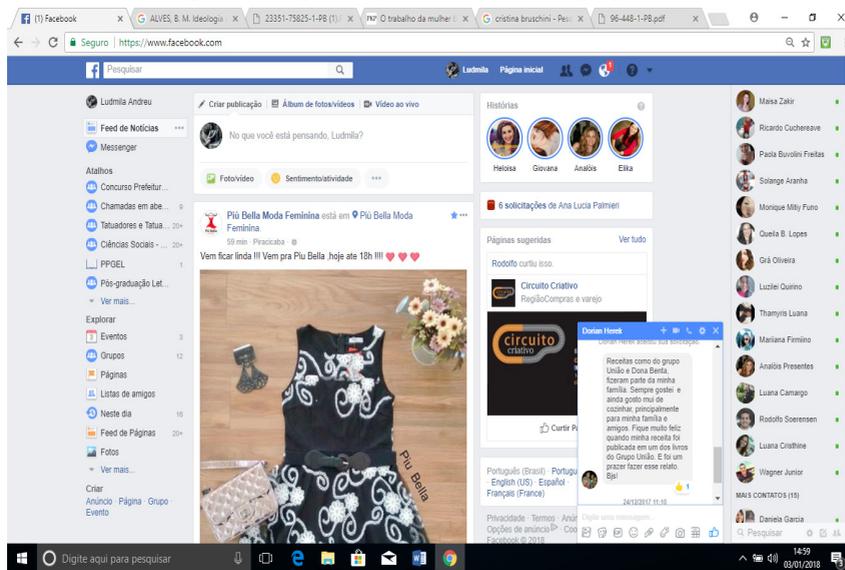


Vale salientar que, embora a publicação seja antiga, datando de meados de 1960, ela foi facilmente reconhecida por um jovem rapaz nascido em meados de 1990, ou seja, aproximadamente 30 anos depois, apenas pela exibição de sua capa. Isso demonstra a atualidade e a força desses livros, constituindo-se como parte de uma memória construída coletiva e discursivamente entre os sujeitos, aqui representados pelos autores dos posts destacados acima, em resposta à enquete que lançamos.

Outro aspecto importante na contribuição desses colaboradores a respeito das publicações do grupo *União* é a relação entre infância, memórias infantis e o livro de receitas. São memórias que salientam questões de *classe* (como evidenciado nos seguintes comentários: “esse livro não se podia comprar fácil, não”; “eu me lembro de brincar de ‘comidinha chique’. Eu imaginava estar num lugar refinado, provando de pratos deliciosos”) e de *gênero* (conforme os exemplos a seguir: “minha mãe tinha”; “Minha avó tinha um”; “Ainda, enquanto adolescente, fiz muitas receitas” – escrito por uma mulher – ou ainda “Havia a ideia de que ‘mulher precisava ser prezada e saber cozinhar’. Homem geralmente passava longe da cozinha”).

Se, por um lado, adquirir uma obra publicada com receitas do grupo *União* era de alguma forma socialmente relevante, por outro lado, ter uma de suas receitas publicadas nesta coleção também tinha certo prestígio. É o que podemos notar com o depoimento de uma das autoras das receitas publicadas pela vasta coleção de livros de receitas *União*, a senhora Dorian Herek:

Figura 6: relato concedido por Dorian Herek, uma das mulheres que teve uma receita publicada pelos livros de receita do grupo *União*.



As contribuições dessas pessoas nos ajudam a entender um pouco mais sobre o material documentário a partir do qual selecionamos nosso *corpus* de análise, pois trazem mais evidências a respeito da importância social e histórica dos livros de receita *União* no Brasil, sobretudo com relação às mulheres.

## Contexto histórico: a figura feminina

A aquisição dos livros de receita do grupo *União*, por ocasião de seus primeiros lançamentos, envolvia questões de raça, cor e classe social. Como

podemos notar nos relatos dos colaboradores apresentados na introdução, adquirir essas obras requeria ter poder aquisitivo para, primeiramente, comprar uma determinada quantidade de rótulos do açúcar *União* e poder ter acesso aos postos de troca. Além disso, usufruir das leituras oferecidas por esses livros envolvia, obviamente, saber ler. Assim, o fato é que, naquela época, esses aspectos configuravam-se em barreiras maiores do que configurariam atualmente, mas que ainda são barreiras que nos dividem.

Ao abordarmos a questão do analfabetismo feminino, segundo documentos do IBGE<sup>1</sup>, em 1940, por exemplo, eram considerados alfabetizados aqueles “de 5 anos ou mais de idade capazes de ler e escrever um bilhete simples, no idioma que conhecessem”. Segundo o levantamento feito, os valores eram: 41,12% dos homens alfabetizados, ao passo que apenas 32,79% das mulheres desfrutavam da mesma condição, uma diferença de um pouco mais de sete pontos percentuais.

Ou seja, retomando esses dados de 1940, temos no Brasil uma população de 41.169.321 pessoas, sendo destas 20.589.957<sup>2</sup> mulheres, e, dentre as mulheres, apenas 32,79% consideravam-se alfabetizadas. Em números aproximados, apenas 6,7 milhões de mulheres entendiam-se como capazes “de ler e escrever um bilhete simples”, ao passo que 13,8 milhões assumiam-se incapazes de fazer isso. Em 1970, por outro lado, temos uma população muito maior, de 94.508.583 brasileiros, e temos um número de mulheres alfabetizadas um pouco mais expressivo, sendo pouco abaixo dos 60%.

A mulher brasileira só teve acesso ao voto em 1932<sup>3</sup>, há pouco mais de 80 anos, mas, ainda assim, só podia votar desde que fosse alfabetizada, o que excluía uma grande quantidade de mulheres do direito cidadão de eleger democraticamente seus representantes políticos, conforme vimos nos dados sobre alfabetização feminina no Brasil.

Não será exagero afirmar que o espaço político não foi tido sempre como um espaço para a mulher, uma vez que a ela não cabia escolher suas representações e tampouco se candidatar até bem pouco tempo atrás. O espaço da profissão, do trabalho remunerado, também não era tido como um espaço para as mulheres. O espaço escolar, nas épocas citadas, não era um espaço de acesso universal, as políticas públicas das épocas em questão não ofertavam uma escola para todos, não havia o comprometimento em oferecer vaga e condições de permanência para todos nas escolas.

A casa era o espaço da mulher, ela era dona-de-casa, mas dona apenas no rótulo, pois quem mandava mesmo na relação, pelo menos legal, financeira e culturalmente, era o marido, afinal, conforme o artigo 233, inciso III, do Código Civil de 1916: “O marido é o chefe da sociedade conjugal, função que exerce com a colaboração da mulher, no interesse comum do casal e dos filhos<sup>4</sup>.”.

Outros dados relevantes são a faixa etária com as quais as mulheres se casavam dentre os anos de 1940 e 1970, e, também, a quantidade de filhos

<sup>1</sup> IBGE. Alfabetização por Raça e Sexo no Brasil: Evolução no Período 1940-2000. Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv1425.pdf>

<sup>2</sup> IIBGE. Tendências demográficas: uma análise da população com base nos resultados dos censos demográficos de 1940 e 2000, p. 14. Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv34956.pdf>. Acesso: 03 de janeiro de 18.

<sup>3</sup> Segundo o decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, em seu Artigo 2º, “É eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo”. Fonte: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso: 03 de janeiro de 18.

<sup>4</sup> Fonte: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/L4121.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4121.htm). Acesso: 03 de janeiro de 18.

que tinham naqueles tempos. Segundo Besse (1999, p. 58), dentre os anos de 1939 e 1941, 47,51% das mulheres casadas tinham idade inferior a 20 anos<sup>5</sup>. Embora a autora não especifique que números eram esses, uma rápida consulta aos nossos álbuns de família poderá revelar casos de meninas se casando aos 13 e 14 anos com homens mais velhos.

Ainda segundo essa autora, em 1940, os casais brasileiros tinham em média 6,1 filhos. Em 1970, com a popularização da pílula anticoncepcional, esse número caiu para 4,73 filhos por casal (BESSE, 1999, p. 57-59). A grande quantidade de filhos, por certo, restringia ainda mais a participação da mulher em outras áreas da sociedade que não a doméstica.

Observamos, no entanto, que o problema persiste, pois, embora a taxa de natalidade tenha diminuído entre as famílias urbanas e menos pobres, ainda hoje as taxas de casamento infantil de meninas no Brasil são altíssimas, sendo que, segundo a ONU, atualmente, somos o quarto país no mundo que mais casa meninas menores de idade.<sup>6</sup>

Todas essas características sociais, que impunham um modo de vida específico e um campo de atuação restrito para as mulheres da época, se fazem relevantes para as análises que apresentaremos, sobretudo porque estão refletidas nesses textos e são reatualizadas por eles discursivamente. Esse movimento evidencia, portanto, a constituição de uma forma sujeito-leitor, a qual é identificada e enunciada pelas vozes das pesquisadoras, sujeitos que se posicionam na atualidade.

## **Arcabouço teórico e metodologia da análise: Análise de Discurso de linha francesa**

Neste artigo, cabe esclarecer, nossa unidade de análise é o texto, e nosso método de análise é a leitura em perspectiva discursiva, sendo nosso objeto de análise a construção discursiva (o discurso) de uma posição de sujeito-leitor, cujos indícios deflagramos do texto por meio de gestos de interpretação que buscamos explicitar, explorando nossas “condições de produção de leitura” (ORLANDI, 1988, p. 74).

Dessa forma, nesta seção, destinada ao aporte teórico e metodológico deste estudo, faremos uma breve introdução a respeito da Análise de Discurso de linha francesa, e, em seguida, elucidaremos os conceitos de *texto*, *leitura*, *discurso*, *formação discursiva*, *interpelação*, *gestos de interpretação e de posição de sujeito*, segundo a análise de discurso de linha francesa, que constitui tanto nosso aporte teórico quanto nossa abordagem metodológica. Destacamos, contudo, que, embora limitadora, a divisão em tópicos de elucidação dos referidos conceitos, imbricados e inter-relacionados, tem pretensões didáticas .

A Análise de Discurso de linha francesa (doravante AD), conforme concebida por Pêcheux, se materializa a partir de reflexões que dialogam

<sup>5</sup> BESSE, S. K. Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil 1914- 1940. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo, Editora USP, 1999, p. 58.

<sup>6</sup> <https://nacoesunidas.org/brasil-tem-maior-numero-de-casamentos-infantis-da-america-latina-e-o-4o-mais-alto-do-mundo/>

com a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise, ou seja, reflete sobre os construtos teóricos dessas áreas de saber, mas não se limita a uma justaposição de suas teorias. Diferentemente de uma mera justaposição, a AD tece uma trama teórica própria, na qual a língua (e as linguagens) é (são) tomada (s) em sua *opacidade*, em seus *apagamentos constitutivos*, é a língua no mundo e não a língua enquanto um sistema abstrato (ou as linguagens), é a língua para além da literalidade suposta, é na língua em que se inscreve o *discurso*, e no discurso é que se revela a *ideologia*.

A *história*, também tomada em sua *opacidade*, é entendida enquanto significação, relacionada ao modo como toda temporalidade é discursivamente engendrada e textualmente deflagrada, é a *história inscrita na memória discursiva, nos interdiscursos*, que, como constelações ideologicamente sustentadas, constituem as formações discursivas e traçam as possibilidades de enunciação. Isso, obviamente, não desconsidera a existência de relações entre a história empírica, externa, e a historicidade textualizada, como trama de sentidos estruturados pela ideologia (mecanismo estruturante de todo processo de significação, conforme Orlandi, 2009, p. 96), mas apenas aponta que essa relação é tomada em sua complexidade, e não de modo linear, calcado em relações estanques de causa e efeito.

A psicanálise, por sua vez, torna-se importante ao descentralizar o sujeito da razão, essencial, uno, moderno, cartesiano. A partir da problematização da leitura da psicanálise lacaniana, Pêcheux nos apresenta um sujeito discursivo, deflagrado em *posições de sujeito*, um sujeito que não é fonte do que diz. Em *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*, Orlandi entende a noção de sujeito na AD do seguinte modo: “[...] o sujeito é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia”. (ORLANDI, 2009, p. 20).

Segundo Orlandi (s/d, p.112), um *texto* em sua materialidade empírica é compreendido como “um objeto com começo, meio e fim”. Contudo, explica a autora, um texto, segundo uma perspectiva discursiva, não seria entendido enquanto uma unidade fechada, mas seria compreendido em sua “relação com outros textos (existentes, possíveis, imaginários), com suas condições de produção (sujeitos, situações), com sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso, a memória do dizer)”<sup>7</sup>. É com essa perspectiva de texto que trabalhamos.

Um texto seria, então, algo dotado de historicidade. Ou seja, nele se instaura uma trama própria, uma temporalidade interna, de modo que adentrar a temporalidade de um texto, segundo Orlandi (s/d, p. 113), seria “compreender como a materialidade textual produz sentidos”<sup>8</sup>.

Um texto, em sua *textualidade* (outro conceito trabalhado em muitas publicações por Orlandi), tem na heterogeneidade sua constituição, sua

<sup>7</sup>ORLANDI, E. P. *Texto e Discurso*. P. 112, s/d. Fonte: <http://www.seer.ufrgs.br/organon/article/download/29365/18055>

<sup>8</sup>Historicidade evoca a noção de interdiscurso: “chamamos de efeito de pré-construído, a impressão do sentido lá que deriva do já dito, do interdiscurso, e que faz que ao dizer já haja um efeito de já dito que o sustente” (ORLANDI, 2006, p. 18).

materialidade é atravessada por *formações discursivas*, algumas imaginadas pelo seu autor (que se subjetiva ao produzi-lo enquanto materialidade textualizada), outras que emergem em *gestos de leitura*, em dinâmicas complexas, não-lineares, um emaranhado deflagrado por movimentos de *unidade e dispersão, dispersão e unidade*<sup>9</sup>, característica que se torna especialmente relevante para a leitura em perspectiva pecheutiana. Destarte, texto, sentido, história, memória e formação discursiva são conceitos imbricados:

O sentido de uma sequência só é materialmente concebido na medida em que se concebe esta sequência como pertencente necessariamente a esta ou àquela *formação discursiva* [...]. Trata-se de um *efeito de sentido* entre os pontos A e B [sujeitos discursivos, inseridos em uma conjuntura social, ideológica]. (PÊCHEUX & FUCHS, 1990, p. 169).

O *texto* é nossa unidade de análise, mas o objeto da AD é o *discurso*. O discurso é entendido enquanto *efeito de sentido* entre *sujeitos discursivos*, concebidos não como pessoas empíricas, mas como uma *forma sujeito* que se materializa enquanto *efeito do discurso*.

Vale ressaltar, então, que a linguagem e a língua são pressupostos do discurso, mas devem estar textualizadas, conforme nos explica Orlandi (2006) em *Discurso e Textualidade*, no capítulo intitulado *Análise de Discurso*, tomando o texto não como unidade estanque, mas o texto atravessado por formações discursivas, pela memória do já dito antes e pelos seus apagamentos constitutivos. Estar textualizado é significar. Desse modo, uma frase em um cartaz é texto, uma imagem de propaganda também, assim como uma estampa de camiseta, uma palavra tatuada, ou um grafite sob uma ponte. Afinal, conforme pontuado por Pêcheux, “O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc. não existe ‘em si mesmo’ [...] mas, ao contrário, é determinada pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas.” (PÊCHEUX, 1997, p. 190).

A *interpelação* é outro conceito chave para a análise de discurso, baseado sobretudo em Althusser (1970), um autor que se propõe a pensar sobre a subjetificação dos indivíduos, que seriam discursiva e ideologicamente interpelados, chamados a ser – ou seja, seriam sistemas socialmente e historicamente construídos e compartilhados, evocados no processo complexo de fabricação das identidades, todas as vezes que os sujeitos são chamados a se subjetivarem discursivamente (a serem).

Althusser (1970) se dedicou a refletir sobre a ideologia no Estado capitalista e, para esse autor, o Estado não deve ser definido apenas como um aparelho repressivo, cujas dinâmicas de funcionamento se dariam “massivamente” (ALTHUSSER, 1970, p.46) pela violência, mas deve ser entendido também como um aparelho ideológico:

<sup>9</sup> Para Gregolin, os apagamentos são constitutivos dos discursos, são parte das “condições de possibilidade”. Tais “condições de possibilidade” são materializadas em um jogo de “silenciamentos e exposições”, como estratégias capazes de manipular formas de construção dos sentidos e legitimar “verdades” sócio-históricas”. (GREGOLIN, 2007, p. 5)

É que em si mesmo o Aparelho Repressivo do Estado funciona de uma maneira massivamente prevalente pela repressão (incluindo física), embora funcione secundariamente pela ideologia, não há aparelho puramente repressivo. Exemplo: o Exército e a Polícia funcionam também pela ideologia, simultaneamente, para assegurar a sua própria coesão e reprodução e pelos valores que projetam no exterior. Da mesma maneira, mas inversamente, devemos dizer que, em si mesmos, os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam de modo massivamente prevalente pela ideologia, embora funcionando secundariamente pela repressão, mesmo que no limite, mas apenas no limite, esta seja bastante atenuada, dissimulada e simbólica (não há aparelho puramente ideológico) (ALTHUSSER, 1970, p. 46-47).

A ideologia, então, interpelaria os indivíduos como sujeitos. Para explicar melhor essa proposição, Althusser (1970, p. 96) dá o exemplo do policial que ao chamar por um homem que anda pela rua, dizendo “ei, você aí!”, representaria a ideologia interpelando esse indivíduo como um sujeito, sem que esse indivíduo tivesse a consciência de que estaria sendo interpelado. Assim, para Althusser (1970), ideologia e sujeito são dois conceitos entrelaçados, segundo o próprio autor:

Segue-se que, tanto para vocês como para mim, a categoria de sujeito é uma “evidência” primeira (as evidências são sempre primeiras): está claro que vocês, como eu, somos sujeitos (livres, morais, etc.). Como todas as evidências, inclusive as que fazem com que uma palavra “designa uma coisa” ou “possua um significado” (portanto inclusive as evidências da “transparência” da linguagem), a evidência de que você e eu somos sujeitos – e até aí não há problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar. (ALTHUSSER, 1970, p. 94).

Outro aspecto que deve ser pontuado sobre ideologia na obra de Althusser (1970) é a concepção de uma dinâmica de subordinação ideológica, na qual cada Aparelho Ideológico de Estado (como as igrejas, o ministério da cultura etc.) tem sua existência assegurada por sua subordinação a uma ideologia dominante, sendo que essa ideologia dominante está imediatamente vinculada à manutenção dos processos de produção capitalistas e de divisão de classes sociais

Pêcheux lê Althusser a partir da noção de discurso por ele formulada (efeito de sentidos) de modo muito sofisticado, pensando o discurso enquanto materialidade específica da ideologia. Como consequência, essa noção pecheutiana de sujeito subverte a noção moderna de um sujeito cartesiano, como substância, essência, centro da razão origem do próprio discurso.

Como vimos anteriormente, outro conceito essencial para o desenvolvimento da reflexão que propomos neste artigo é a leitura, que, na perspectiva da AD, pode ser entendida como o “lugar ao inconcebível em um duplo gesto: conceber claramente o concebível para mostrar o inconcebível, recortando, extraindo, deslocando sentidos” (PÊCHEUX, 1990, p. 17-18).

Segundo Cazarin (2006, p. 302), ler, enquanto prática discursiva, ou enquanto um processo de produção de sentidos que emerge de *gestos de interpretação* de um sujeito histórico, é uma “prática social que mobiliza o interdiscurso”, na qual o leitor é inscrito “em uma disputa de interpretações”. O sujeito leitor, então, ocupa uma posição de sujeito em relação à posição de sujeito que o sujeito-autor ocupou e é aí que a interpretação se faz possível, entre formações discursivas, entre já-ditos, entre a língua e sua historicidade (ou exterioridade).

Relembrando que interdiscurso é memória discursiva, é aquilo que se materializa como acontecimento que se lê, como os pré-construídos, segundo Cazarin (2006, p. 306), leitura e interpretação na perspectiva discursiva, são práticas sócio-históricas de assujeitamento, “que mobilizam a memória do dizer (o interdiscurso). A noção de memória discursiva [...] é entendida no sentido de que toda a produção discursiva acontece numa conjuntura dada e coloca em movimento formulações anteriores já enunciadas”.

## Método de análise e corpus do estudo

A AD nos oferece o arcabouço teórico, com horizonte interpretativo e, também, os procedimentos e “ferramentas conceituais” para o desenvolvimento da análise. Dessa forma, nesta seção, abordaremos especificamente o método e os passos analíticos tomados neste estudo.

Segundo Orlandi (2006, p. 27-28), em *Discurso e Textualidade*, no capítulo intitulado “Análise de Discurso”, o analista toma o material linguístico “bruto” como tal e este seria seu ponto de partida, ou seja, o texto, a linguagem textualizada, que comporia o material documentário de sua pesquisa. Em um segundo movimento investigativo, o analista procederá ao que a autora chama de “dessuperficialização”, que seria um gesto analítico a partir do qual o pesquisador consegue obter seu “objeto discursivo”. A descrição exerce um papel importante nesta etapa. Em um terceiro movimento, ainda conforme Orlandi, o analista deveria ocupar-se de tentar reconhecer quais relações o objeto discursivo estabelece com “as formações ideológicas”, chegando, então, aos processos discursivos, marcados pelos sistemas de relações (possíveis, imaginadas, ausentes) de uma dada formação discursiva, ou seja, às projeções ideológicas na linguagem: “Chamamos, então, de formação discursiva, aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determina o que pode/ deve ser dito” (ORLANDI, 2006, p. 17). Nesse momento, portanto, as condições de produção e os sujeitos do discurso são evidenciados e a formação do sujeito-leitor é justamente o foco de nossa análise.

Em Orlandi (2009), a autora retoma o debate sobre metodologia e método na AD, explicando que o analista do discurso trabalha nos limites da interpretação, explorando esses limites enquanto “parte dos processos de

significação” que ele investiga ao abordar o discurso e a ideologia intrincados na linguagem. Segundo a autora,

A análise do discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os *próprios gestos de interpretação*, que ela considera como *atos no domínio do simbólico*, pois eles intervêm no real do sentido. A análise do discurso não estaciona na interpretação [...]. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma ‘chave’ de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender. (ORLANDI, 2009, p. 26).

Assim, então, ao enveredarmos pela AD, somos incitados, interpelados, a irmos além da inteligibilidade (entendemos aquilo que se diz, o texto empírico, pois dominamos o registro/gênero textual utilizado), da interpretação (reconhecemos o co-texto e a relação do texto com seu contexto imediato), ou seja, a chegarmos até à compreensão, entendemos a compreensão como o entendimento de como o texto produz sentidos, ou, nas palavras de Orlandi, “A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem.” (ORLANDI, 2009, p. 26).

Outro aspecto relevante na análise de discurso é a reflexão que o analista deve traçar sobre seus próprios gestos de interpretação, o que se configuraria como uma meta-análise<sup>10</sup>. Inicialmente, analisamos cada um dos textos que compõem o *corpus*, visando a destacar os aspectos que revelavam a construção do posicionamento do sujeito-leitor a quem se direcionava a publicação. O passo seguinte foi agrupá-los, identificando-os de modo que tal construção pudesse ser evidenciada ao longo textos analisados, conforme veremos na seção a seguir.

Desse modo, como estamos trabalhando com excertos de quatorze textos de uma mesma obra (ver quadro 1), outro recurso a ser explorado através da leitura discursiva será a intertextualidade, que deflagra os efeitos de sentido que tecerão nosso sujeito-leitor, as formas de interpelação que se direcionam para ele, subjetivando-o, em dinâmicas de unidade e dispersão, entre paráfrases e polissemias.

Os textos que compõem o nosso corpus de análise foram extraídos do livro *200 Receitas do Açúcar União*, cujo ano de edição aproximado, segundo o próprio site de grupo *União*, é 1968. São 14 textos, de breve extensão (variando entre 3 e 7 parágrafos), distribuídos entre as receitas do livro. Alguns deles incluem uma nota de rodapé intitulada “Lembrete às mães” (\*), ou contêm nota sem título (\*\*). No quadro a seguir os textos analisados estão identificados na ordem em que aparecem no livro em questão:

<sup>10</sup> Segundo Orlandi (1988, p.74): “O sujeito que produz uma leitura a partir de sua posição, interpreta. O sujeito que se relaciona criticamente com sua posição, que problematiza, explicitando as condições de produção de sua leitura, compreende.”

**Quadro 1:** Relação dos textos a serem analisados neste artigo. Os asteriscos entre parênteses sinalizam, respectivamente, (\*) texto que contém nota de rodapé intitulada “Lembrete às mães” e (\*\*) texto que é acompanhado de nota de rodapé sem título (\*\*). A publicação não possui número de páginas. Fonte dos textos: Companhia União de Refinadores, 1968, s/p.

Ordem dos textos	Títulos dos textos a serem analisados
1	As receitas deste livro...
2	O açúcar é indispensável à vida humana
3	Crianças em fase de desenvolvimento
4	Uma opinião valiosa
5	O toque final
6	Assim falava Metchnikoff
7	Aos esportistas
8	Papel do açúcar na economia orgânica (*)
9	Bons ingredientes são indispensáveis
10	Apenas uma xícara de café (**)
11	O açúcar é insubstituível (*)
12	O papel do açúcar na nutrição (às pessoas de bom senso) (*)
13	A importância do alimento energético
14	Quem foi Claude Bernard?

A publicação não possui marcação de número de páginas e, embora os textos a serem analisados estejam em um livro de receitas (suporte), vale ressaltar que eles não se filiam às características socialmente compartilhadas do gênero textual receita. Ou seja, não indicam como uma sobremesa deva ser preparada, nem trazem listas de ingredientes. Em se tratando de gênero textual, os textos a serem analisados transitam entre as propagandas, pois a todo momento citam a importância e os valores do açúcar *União*, e a carta de aconselhamento, pois se direcionam ao seu sujeito-leitor com dicas e conselhos variados, conforme será apresentado a seguir.

## Análise

Com exceção do primeiro texto do livro *200 Receitas do Açúcar União*, o qual tem atributos prototípicos de um prefácio e traz algumas características contextuais sobre a seleção do material a ser apresentado, os demais textos, como mencionamos na seção anterior, transitam entre os gêneros propaganda e carta de aconselhamento. Tendo em vista essa constatação, identificamos vários excertos nos quais ficam evidentes as estratégias utilizadas pelo enunciador, a *Companhia União dos Refinadores*, para persuadir o público leitor do livro em questão a consumir o açúcar *União* e também a reconhecer na aquisição do livro o *status* que é lhe é atribuído, como vimos na introdução deste artigo. Assim, nesta seção, analisamos os

excertos em que o “tom” de propaganda e enaltecimento do açúcar *União* é evidenciado, ao mesmo tempo em que se constrói a posição sujeito-leitor do livro: mulheres, de classe média, heterossexuais, casadas e mães.

A identificação dessa posição sujeito-leitor no texto começa a ser tecida pela forma de tratamento usada já na primeira linha do texto 1: “[...] não são receitas *triviais* dessas que a *senhora* encontra em *qualquer* livro de cozinha” (COMPANHIA UNIÃO DE REFINADORES, 1968, texto 1, grifos nossos). Se explorarmos os sinônimos da adjetivação utilizada para as receitas, “triviais”, teremos sentidos como “ordinárias, vulgares, simples, corriqueiras”, dentre outros sentidos que denotam oposição às ideias de singularidade e distinção. Assim, para aquele que enuncia, o narrador que se materializa como efeito de sentido deste livro, ou o enunciador da obra, o sujeito-leitor é envolto pela *necessidade de acesso às receitas, e receitas corriqueiras*, ou seja, *não é um sujeito-leitor sofisticado*. Além disso, o sujeito-leitor, que também emerge como efeito de sentido, é uma *mulher, casada*, uma “senhora”.

Essa mulher imaginada, casada e pouco sofisticada é também inexperta, uma inexperiente dona-de-casa, alguém que carece de orientação, cuja ambição social está vinculada ao reconhecimento da família. É o que podemos confirmar ao lermos a conclusão do texto 1, que se dá da seguinte maneira: “Acreditamos que a *senhora*, mesmo *não tendo prática de cozinha*, possa *executá-las* [as receitas] ... *para seu orgulho de exemplar dona-de-casa e para a alegria de seus familiares*”. Assim, temos um sujeito-leitor mulher, que precisa de ajuda para executar o papel social que lhe cabe (dona-de-casa), e que tem na atividade culinária uma de suas funções pressupostas.

Mais adiante, chama a atenção nesse texto a forma como a descrição da escolha das receitas do livro é realizada, pois ela traz uma hierarquia binária de gêneros marcada por uma dinâmica de explicitação e apagamentos, conforme demonstramos a seguir:

São receitas realmente selecionadas, de doces variados e saborosos, *enviados por quituteiras* de todos os quadrantes deste imenso Brasil. Tais receitas foram e continuam sendo compradas pela Cozinha Experimental União [...]. Na sala de seleção, *as diretoras da Cozinha* separam diariamente as receitas mais meritórias. Os respectivos doces são feitos por *doceiras auxiliares*, perfeitamente habilitadas e enviadas para a *Junta Degustadora*, composta por *dez pessoas responsáveis*, que se revezam periodicamente e que se incumbem de preencher uma ficha para cada doce, nas quais, após cuidadosa degustação, inscrevem suas notas, referentes exclusivamente ao paladar. As demais notas, de originalidade, de aparência, de economia e de facilidade de feitura são privativas das *diretoras da Cozinha e das doceiras* que aí trabalham. Como o sabor é o que mais importa em qualquer doce, a nota máxima, de paladar, vale cem pontos, ao passo que as demais (originalidade, aparência, economia e facilidade de feitura) valem, no máximo,

dez pontos cada uma. (COMPANHIA UNIÃO DE REFINADORES, 1968, texto 1, grifos nossos).

Uma primeira leitura do excerto destacado acima pode produzir o sentido imediato da voz que enuncia ao leitor o controle de qualidade e as etapas de seleção das receitas. No entanto, uma leitura mais atenta, voltada aos níveis mais aprofundados de compreensão do texto (ORLANDI, 1988; 2009), permite identificar que as receitas são enviadas por mulheres (*as quituteiras*), recebidas e selecionadas por mulheres (*as diretoras de Cozinha*), são executadas por mulheres (*as doceiras auxiliares*), destinadas para mulheres (*a senhora dona-de-casa inexperiente*), mas a avaliação é realizada por uma “Junta Degustadora”, composta por dez “pessoas”. Assim, a execução e a atribuição de notas menores é tarefa feminina, ao passo que a tarefa de maior importância, de avaliar o paladar, ou seja, aquela que detém maior poder, é executada por “pessoas”, sem marcação de gênero, levando-nos à interpretação de que esse grupo é formado também por homens.

Essa dinâmica de hierarquização, pelo apagamento que se faz do gênero daqueles que compõem a Junta Degustadora, coloca a mulher em situação subalterna mesmo em área onde socialmente se espera que ela seja protagonista: a cozinha. Mais adiante, explicitaremos como essa posição sujeito-leitor da dona de casa que deve ouvir os “conselhos” trazidos no livro se constitui na relação que a voz enunciativa tece nos textos.

É por meio dos conselhos que o tom de propaganda do açúcar *União* toma forma. De modo mais efetivo, esse tom é notado pelo uso que o enunciador faz de argumentos que apelam à ciência, às estatísticas e aos exemplos para convencer o sujeito-leitor da importância de se ter uma dieta rica em açúcar. No caso do texto 2, o enunciador indica que a dosagem diária de açúcar ingerido deve ser aumentada em casos de fadiga para que o “paciente” recobre a “energia normal”.

Está perfeitamente constatado que a dieta açucarada pela manhã é indispensável (a menos que se trate de diabético) sobretudo se a pessoa tiver de enfrentar algum esforço físico maior, como seja uma longa caminhada. As “hipoglicemias matinais” frequentes são, por vezes, tão prejudiciais que podem acarretar síncope ou desfalecimentos. Cita-se o caso de um padre que precisou obter dispensa de jejum para poder celebrar a missa sem correr o risco de desmaiar. (COMPANHIA UNIÃO DE REFINADORES, 1968, texto 2).

O fato de que a falta (e não o excesso) de açúcar seja tratada como responsável por uma condição não saudável dos indivíduos reflete o pensamento vigente na época, contrastando-se com o conceito de dieta saudável que temos hoje. Vemos, portanto, que, para a AD, o sujeito se constitui na relação entre história e ideologia e, na época retratada no livro *200 Receitas do Açúcar União*, o consumo de açúcar era incentivado como algo favorável

à saúde. A construção da argumentação no excerto acima se dá, ainda, por meio da referência a um padre que foi dispensado do jejum para “poder celebrar a missa sem correr o risco de desmaiar”. Tal recurso é usado pelo enunciador para ratificar o argumento de que a ingestão matinal do açúcar garante energia e disposição às pessoas. A escolha desse exemplo, como indica a AD, não é aleatória e visa a promover uma identificação do sujeito-leitor do livro com uma figura de destaque – o padre –, que, frequentemente, goza de prestígio na sociedade da qual faz parte e está associado à autoridade que a Igreja católica representa para grande parte dela. Dessa perspectiva, podemos evocar as relações de poder e obediência constitutivas das esferas doméstica e eclesiástica. Há familiaridade do sujeito-leitor com o referido contexto e, ideologicamente, encontra-se nesse exemplo a força da instituição que o padre representa – a Igreja – em relação à família tradicional, representada pela leitora do livro.

O texto 3, cujo título é “Crianças em fase de desenvolvimento”, acrescenta um dado a mais na compreensão de quem é nosso sujeito-leitor: além de ser mulher, dona-de-casa, inexperta, subjugada à família (de quem depende da aprovação, vide o trecho já citado: “orgulho de exemplar dona-de-casa e para a alegria de seus familiares”) e pouco sofisticada, essa leitora é *mãe*. Quando o eu-enunciador determina esse título como sendo de interesse pressuposto dessa leitora, ele determina, em sua onisciência, que a maternidade (ou o dever de cuidar de crianças) também seja uma das características da leitora dessa obra.

Há a referência explícita ao Dr. H. L. Herschensohn, homem, cientista, estrangeiro, “dietista de fama internacional”, para que o sujeito-leitor, a mulher dona de casa, confie naquilo que ele diz:

Assevera o Dr. H. L. Herschensohn, dietista de fama internacional, que a dieta com deficiência de açúcar pode acarretar distúrbios aos delicado aparelho infantil. Eis como se expressa:

*‘Não negue à família as vantagens do açúcar, tão necessárias especialmente às crianças em fase de desenvolvimento. Uma colher de chá de açúcar contém apenas quinze calorias, mas produz de pronto energia e elimina a fadiga resultante do esforço físico. Às vezes, a falta de açúcar ocasiona problemas de procedimento pessoal, quando o sistema nervoso é afetado por essa insuficiência.’*

O ilustre facultativo tem absoluta razão: o açúcar é indispensável à formação dos tecidos de reserva da criança. (COMPANHIA UNIÃO DE REFINADORES, 1968, texto 3, grifos no original).

No trecho, observamos que há uma recriminação ao que seria uma *mãe negligente*, ou seja, aquela que nega à sua família as “vantagens do açúcar” e, ao mesmo tempo, ratifica que a leitora da obra é um sujeito-leitor que carece de aconselhamentos, apontando para o que deveria ser considerado

como conselho de autoridade, a “absoluta razão”, aquilo que se “assevera”: as proposições de homens estrangeiros com títulos acadêmicos.

Essa construção produz, por apagamento, uma oposição aos saberes que são nacionais, de fama local, de homens não acadêmicos, não cientistas, ou de mulheres. Nesse caso, o “ilustre facultativo” dá um recado a quem cuida da família: a mulher. Tal estratégia se repete explicitamente nos textos 3, 6, 7, 8, 11, 12 e 14, com referências a outros cientistas: “o famoso biologista Metchnikoff (Prêmio Nobel)”, o “célebre fisiologista francês Claude Bernard” (a cujos feitos todo o texto 14 é dedicado), o “Prof. Charles Richet”, como é chamado o médico fisiologista francês.

Podemos verificar como esse mecanismo é usado no excerto abaixo, retirado do texto 8. Para “informar” sobre a importância do açúcar na economia orgânica do corpo, o sujeito-enunciador traz como representação da voz da ciência, o cientista, homem, estrangeiro, Claude Bernard, “o *célebre pioneiro da ciência experimental do século passado*”, e assim ele apresenta o que seria o *argumentum magister dixit*, ou argumento de autoridade, aquele que *ninguém mais ignora*.

*A dietética, em sua rápida evolução, pôs em relevo o extraordinário papel do açúcar no equilíbrio orgânico. Quando Claude Bernard, o célebre pioneiro da ciência experimental do século passado, se dedicava ao estudo dos fenômenos químicos da digestão, particularmente do açúcar de cana pelo fermento inversivo, vislumbrava já o valor dos hidratos de carbono na alimentação. Tendo descoberto as funções do pâncreas na assimilação das gorduras, pôde demonstrar também a função glicogênica do fígado.*

*Hoje, ninguém mais ignora o papel do açúcar na formação dos tecidos de reserva do organismo humano. Está provado que 225 gramas de açúcar correspondem a 100 gramas de gordura alimentar. Assim, o açúcar é considerado como o mais perfeito dos alimentos ternários, pois, uma vez invertido pelo suco intestinal, é inteiramente assimilado pela economia, comunicando ao sistema muscular grande resistência à fadiga. Foi, pois, com razão que Claude Bernard chamou o açúcar de ‘carvão dos músculos’. (COMPANHIA UNIÃO DE REFINADORES, 1968, texto 8, grifos nossos).*

Observamos, no texto 8, que o discurso científico atravessa o gênero propaganda, que pode ser compreendido, como vimos, do material que compõe o *corpus* analisado neste artigo. A aparente pretensão de oferecer uma informação nutricional sem segundas intenções é parte da estratégia de *marketing* do texto a respeito do açúcar *União*, uma vez que o sujeito-enunciador que se inscreve neste texto fantasia a propaganda com vestes de *informatividade*, ou seja, elege um tópico frasal no início primeiro parágrafo, “A dietética”, para introduzir, ao final do primeiro período, o que de fato lhe interessa: *o açúcar*.

É assim que se tece o sistema interpelativo que vai acrescentando formas também ao nossa forma-sujeito leitor, mulher, mãe, inexperta, casada, dona-de-casa, aquela que se antes ignorava a importância do açúcar, agora não o poderá mais fazer sob a pena de ser ninguém. A interpelação é essa mesma, uma vez que, caso ela, nossa forma-sujeito leitora, teime em ignorar a importância do açúcar, ela não conseguirá se subjetivar, vir a ser, ou seja, ela é eliminada em sua potencialidade.

Devemos notar que há uma grande esforço em se afastar a ideia do consumo de açúcar à ideia de obesidade. A obesidade é apagada por termos como “*formação dos tecidos de reserva do organismo humano*” (ideia também presente no texto 3: “O ilustre facultativo tem absoluta razão: O açúcar é indispensável à formação dos tecidos de reserva da criança”).

A inexperienceza de nossa forma-sujeito, ou sua ingenuidade presumida, é novamente explicitada, em termos como “*Por que carvão dos músculos*” (expressão recorrente também nos textos 11 e 12), que também fulgura no texto como uma pergunta retórica, e “*É simples explicar*” (que também aparece no texto 7), que demonstra certa complacência da forma-sujeito enunciativa, com a forma sujeito leitora (que, destarte, *carece de um interlocutor complacente*).

Mas essa “economia orgânica” que se enfatiza não é necessariamente uma informação que tenha sido ofertada para que a mulher, mãe, leitora, inexperta, dona-de-casa e necessitada de complacência, possa pensar sobre a própria saúde. Essa economia, marcada pela necessidade de se ter combustível para os músculos, para a força das locomotivas humanas, é direcionada para alguém que aparece no início do quinto parágrafo: os filhos, as crianças:

Em se tratando do *organismo infantil*, mais relevante ainda é o papel do açúcar. *Está provado* que a insuficiência deste acarreta distúrbios característicos: curva de peso anormal, tecidos flácidos, diminuição da motilidade, modificação do humor e hipotermia.

Entretanto, é necessário que se tenha em conta que o açúcar a ser consumido *pelas crianças* deve ser puríssimo, isto é, absolutamente isento de elementos estranhos e, por sua vez, nocivos à saúde. (COMPANHIA UNIÃO DE REFINADORES, 1968, texto 8, grifos nossos).

O direcionamento do texto à forma-sujeito mãe, cuidadora, também é reforçado em uma nota de rodapé que aparece logo após ao último parágrafo deste texto, no qual a forma-sujeito enunciador oferece um “Lembrete às mães” sobre como as refeições de seus filhos devam ser preparadas, atentando para os “cuidados essenciais” que uma boa mãe deva ter, e para aquilo que os “médicos pediatras” (*argumentum magister dixit*) indicam:

LEMBRETE ÀS MÃES: Ao preparar as refeições de seu *filhinho* lembre-se dos cuidados essenciais: A água deve ser filtrada; o leite deve ser pasteurizado; o vasilhame deve ser esquentado e o açúcar deve ser refinado. E, por falar

em refinado, lembre-se de que os médicos pediatras recomendam o Açúcar UNIÃO como ‘o mais puro açúcar que o Brasil produz’. (COMPANHIA UNIÃO DE REFINADORES, 1968, texto 8, grifos nossos).

O mesmo recurso pode ser identificado em outros textos, como vemos nos excertos a seguir:

*Minha senhora*, aceite o nosso conselho: Adoce a dieta de seu *filhinho* com o puríssimo Açúcar UNIÃO, que merece sua irrestrita confiança. (COMPANHIA UNIÃO DE REFINADORES, 1968, texto 3, grifos nossos).

*As crianças gostam tanto de doce porque o açúcar é indispensável ao desenvolvimento do sistema muscular. Seu filho merece o melhor: Açúcar UNIÃO, o mais puro açúcar que o Brasil Produz.* (COMPANHIA UNIÃO DE REFINADORES, 1968, texto 10, grifos no original).

[...] o açúcar impede a formação de acidose no organismo, poupa as proteínas, contribui para o desenvolvimento normal dos *tecidos de reserva* e ainda, como celulose, concorre para dar volume e consistência ao bôlo intestinal, evitando a obstipação.

O que dissemos explica porque a própria Natureza *induz as crianças a gostarem tanto de doce* e porque a *senhora* não deve contrariá-las. Tenha, porém, o cuidado de selecionar, para seus *filhos*, um açúcar realmente puro, perfeitamente refinado e empacotado sem contacto manual, isto é, o Açúcar UNIÃO da Companhia União dos Refinadores. (COMPANHIA UNIÃO DE REFINADORES, 1968, texto 13, grifos nossos)

LEMBRETE ÀS MÃES: Ao preparar a refeição de seu *filhinho* lembre-se dos cuidados essenciais: A água deve ser filtrada; o leite deve ser pasteurizado; o vasilhame deve ser escaldado e o açúcar deve ser refinado. E, por falar em refinado, lembre-se de que os médicos pediatras recomendam o Açúcar UNIÃO como o “mais puro açúcar que o Brasil produz”. (COMPANHIA UNIÃO DE REFINADORES, 1968, textos 10 e 11, grifos nossos).

O que merece especial atenção nos excertos acima é a menção aos lexemas “filho(s)”, “crianças”, e, sobretudo, o diminutivo “filhinho”, que serve como recurso para demonstrar afetuosidade (afinal, nossa forma sujeito leitora, mulher, mãe, casada, dona-de-casa e inexperta, também deve amar seus filhos), quanto para interpelar essa forma sujeito a assumir uma postura *dócil*. Além disso, outro ponto que chama a atenção e corrobora uma característica do gênero propaganda é a recorrência do *slogan* “Açúcar UNIÃO, o mais puro açúcar que o Brasil Produz” (textos 8, 10 e 11, citados acima, além dos textos 7 e 12, transcritos nos anexos, ao final deste artigo).

No texto 12, as interpelações que nos permitem identificar a forma sujeito leitora que se materializa para o livro *200 Receitas do Açúcar União* se repetem, com maior ênfase para que o comportamento dessa mulher, casada, mãe, dona-de-casa, que consome essas receitas, seja moldado de

modo conformista, abnegado, e não questionador, podendo-se ao questionar incorrer em postura contrária ao “bom senso”. É o que podemos notar no título “O papel do açúcar na nutrição (às pessoas de bom senso)” e nos trechos:

Se o açúcar fosse prejudicial à saúde, engordando as criaturas desnecessariamente, como explicar que a *própria Natureza* o tenha colocado nas frutas, nos vegetais, no sangue humano e até no leite materno?

Você, *que é pessoa sensata, não vai supor* que a Natureza tenha errado e que nos compete corrigi-la. (COMPANHIA UNIÃO DE REFINADORES, 1968, texto 12, grifos nossos).

Desse modo, a insensatez feminina deve ser evitada e a loucura, a maluquice, a insanidade de se questionar “a Natureza” – tida como a mãe suprema de todas as coisas, que inclusive determinou como deve ser o leite materno, o alimento primordial dos bebês na primeira infância – devem ser combatidas. Apenas a ciência masculina pode ser questionadora, não a curiosidade da leitora inexperiente.

Contrastando com o prestígio dos cientistas estrangeiros renomados, cujas pesquisas são citadas nos textos 3, 6, 7, 8, 11, 12 e 14, há, no texto 4, intitulado “Una opinião valiosa”, as palavras da “Da. Elvira Iglésias Antonelli, responsável pela Secção de Nutrição do Serviço de Saúde Escolar”, que, embora nutricionista, não recebe o título de doutora. Assim, quando uma mulher tem um saber considerado de valor para compartilhar, esse saber é determinado como “opinião”, adjetivado como “valiosa” e atestado pela forma sujeito enunciativa, que se materializa aos poucos como forma sujeito masculina, dado que tem o poder de atestar o valor das coisas (como o júri dos doces, composto por “pessoas” e não por “mulheres”, ou como os cientistas, que são homens e têm sempre “absoluta razão” e respaldo do método científico, presumidamente inquestionável, vale frisar).

Afinal, essa forma-sujeito enunciativa, que traça a interlocução com a forma-sujeito leitora, e que ao interpelá-la se subjetiva, tem o direito e o poder de afirmar que “de fato, a Da. Elvira [a mulher que dá sua opinião e que mesmo graduada não recebe titulação de doutora, costume presumido da época] tem razão”. Chamar Elvira pelo pronome de tratamento Dona (Da.) traz à tona outros sentidos, como o da respeitabilidade advinda do casamento e da idade. Exemplo disso, são os usos recorrentes da expressão *Dona* na mídia para se referir às primeiras damas, Dona Marisa Letícia, mulher do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, ou Dona Ruth Cardoso, mulher do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, ambas já falecidas. Numa rápida pesquisa, ao googlearmos os termos, entre aspas, “Dona Marisa Letícia” obtemos um total de 132.000 resultados, e “Dona Ruth Cardoso”, 22.900 resultados.

O termo “Dona” se mostra mais um construto ideológico, sobretudo quando evoca o papel social e “dona de casa”, que não trabalha fora, e se

sobrepeõe ao apagamento da expressão doutora, que, no Brasil, não é atribuído apenas a quem completa um doutorado, mas, por uso social, elitista e segregador, é utilizado para fazer referência a advogados, promotores, juízes, médicos e profissionais da saúde de um modo geral (como dentistas, fisioterapeutas e nutricionistas).

Outra posição de sujeito-leitor que se evidencia, sobretudo nos textos 5 (“O toque final”), 9 (“Bons ingredientes são indispensáveis”) e 10 (Apenas uma xícara de café), é a da dona de casa anfitriã, que serve quitutes e café às visitas amigas, como vemos nos seguintes excertos:

Nós sabemos que a *senhora* faz questão de *receber suas visitas* com a maior cordialidade, provando ser *dona-de-casa prestimosa e hospitaleira*. Naturalmente, a *senhora* espera que os convidados levem da acolhida que tiveram a *melhor das impressões, que saiam de sua casa satisfeitos, elogiando a excelência do passado*. [...] *Minha amiga*: o toque final, a chave de encerramento de um jantar perfeito consiste num cafezinho bem quente, bem aromático e, sobretudo, bem saboroso. Evidentemente, a *senhora* já percebeu que estamos nos referindo ao Café CABOCLO, o café feito pela Companhia União dos Refinadores especialmente para servir aos paladar das visitas mais exigentes. É por isso que muita gente diz que “o Café CABOCLO é irmão do Açúcar UNIÃO!” (COMPANHIA UNIÃO DE REFINADORES, 1968, texto 5, grifos nossos).

Se a *senhora* pretende fazer doces apetitosos, desses que *as visitas elogiam e repetem*, lembre-se de que não basta seguir à risca as receitas deste livro. É preciso ter muito cuidado com os ingredientes, selecionando-os rigorosamente [...] Quanto ao açúcar, não há problema: todo mundo sabe que o Açúcar UNIÃO é excepcional, não havendo outro que se lhe compare. UNIÃO é alvíssimo, sempre enxuto e altamente solúvel. Além disso, é o *único açúcar que não varia de qualidade*: ontem, hoje e amanhã, sempre o *mais puro açúcar refinado* do Brasil! (COMPANHIA UNIÃO DE REFINADORES, 1968, texto 9, grifos nossos).

Mas  *você* já pensou o quanto pode significar uma simples xícara de café que se oferece à *visita amiga*? Sinônimo de hospitalidade, demonstração de bem querença e testemunho dêsse espírito social que tão necessário se faz nos dias conturbados em que vivemos! Nunca deixe de oferecer uma xícara de café à visita amiga! Mas prove, também, ser pessoa de bom gosto: ofereça o melhor, o café de paladar mais fino, de sabor mais delicado. Ofereça o Café CABOCLO – Êta cafezinho bom! – Sobeja razão aos que dizem que “o Café CABOCLO é irmão do Açúcar UNIÃO!” (COMPANHIA UNIÃO DE REFINADORES, 1968, texto 10, grifos nossos).

Os excertos dos três textos trazem para formação do nosso sujeito-leitor o reforço de sua identidade feminina, materna, a anfitriã amável, acrescentando a ideia de que é necessário a essa forma-sujeito adotar uma postura que denote sofisticação, elegância, marcada na oferta de um café que seria o de melhor qualidade.

A ideia de amabilidade se constrói mediante o uso das expressões “cordialidade”, “prestimosa”, “hospitaleira”, “amiga”, “bem querença” e através da seguinte colocação: “testemunho desse espírito social *que tão necessário se faz nos dias conturbados em que vivemos!*” – apontando para a passividade social e, por que não dizer, política, que se espera da mulher “naqueles tempos” (*nos dias conturbados em que vivemos*). Se olharmos a data da publicação do livro, são os conhecidos “anos de chumbo”, de nossa ditadura militar, marcados pelo advento do AI-5 (Ato Institucional nº 5, de 1968), que culminou na cassação de mandatos, no fechamento do congresso, na suspensão dos direitos políticos, na prisão do presidente, na perseguição e morte de muitas pessoas e no silenciamento da imprensa, das artes, da educação<sup>10</sup>.

O vocativo “minha amiga” aparece como alternativa de tratamento da voz enunciativa à leitora do livro em uma estratégia de proximidade, intimidade, legitimando, assim, o tom de aconselhamento presente nos textos. A menção às visitas de amigas às casas umas das outras remete à esfera doméstica e, portanto, ao lugar ocupado pelas mulheres na época em que o livro foi publicado. O café – e aqui temos a propaganda do café *Caboclo*, produzido pela mesma Companhia de Refinadores *União* – aparece como símbolo dessa esfera doméstica, dos rituais que acontecem nos lares das leitoras do livro. Além disso, chama a atenção nos textos 5 e 10 a imagem do açúcar *União* como irmão do “café CABOCLO”, que se dá explicitamente no texto 5 pelo fato de ambos serem produzidos pela mesma companhia, mas pode, também, evocar outros sentidos, que, por conta do limite do foco deste artigo, não serão aqui analisados.

Finalizando a análise de dados, trazemos um contraponto entre o texto 7, “Aos esportistas” e o modo como a voz enunciativa predominantemente se dirige ao sujeito leitor (minha senhora, minha amiga) nos demais textos:

*Os grandes esportistas*, como os do selecionado brasileiro, que chegou a ser bi-campeão mundial de futebol, incluem na sua dieta boa dosagem de açúcar.

Sabem porque?

A explicação é simples: o açúcar comunica ao sistema muscular extraordinária resistência à fadiga. Quando *o futebolista* é mal alimentado de açúcar, seu rendimento decresce à medida que o jogo se aproxima do término. O quadro demonstra cansaço; por falta de fôlego *os jogadores* correm menos e a derrota se torna inevitável.

Explica-nos o professor Charles Richet que, dez minutos após a absorção de açúcar, e este invertido pelos sucos intestinais, agindo imediatamente sobre todos os músculos do corpo, desde o mais vital de todos – o coração – até os pequeninos extensores que movem nossos dedos mínimos. O açúcar – conclui o Prof. Richet – é o alimento do esforço.

<sup>10</sup> Para saber mais, consultar: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/hotsites/ai5/ai5/index.html>. Acesso em: 09 de janeiro de 2018.

*Se você é esportista, nunca se esqueça* de que o açúcar mais puro que o Brasil produz, refinado a mais de 120 graus, é o famoso Açúcar UNIÃO, da Companhia União de Refinadores. (COMPANHIA UNIÃO DE REFINADORES, 1968, texto 7, grifos nossos)

No excerto acima, a referência aos jogadores de futebol da seleção brasileira, então bicampeã mundial, e as explicações do professor Charles Richet sobre a ação do açúcar no corpo humano parecem exercer na voz enunciativa uma interpelação tão forte (dadas as relações com os papéis sociais esperados para homens na época) a ponto de ela se dirigir a um sujeito-leitor esportista que se distancia do modo como se dirige ao sujeito leitor nos demais textos: “minha amiga”, “minha senhora” e “mães” (em “Lembrete às mães”). Assim, embora não haja a marcação do gênero masculino (uma vez que caberia também o gênero feminino e, portanto, a referência a “uma esportista” seria possível), a análise dos outros textos nos leva à interpretação de que a posição-sujeito leitor no texto 7 não é a mesma dos demais textos. Isso porque há um apagamento das mulheres com relação aos papéis sociais de jogador de futebol (e esportista em geral) e professor (como o médico fisiologista francês é chamado no texto).

Na seção a seguir, apresentamos as considerações finais e os encaminhamentos pensados a partir da elaboração deste artigo.

## Considerações finais

A análise dos textos contidos no livro de *200 Receitas do Açúcar União* evidenciou a relação entre história e ideologia na constituição dos sujeitos, conforme entende a perspectiva da AD. No caso dos textos aqui analisados, isso se deu por meio da construção da posição-sujeito leitor almejada pela publicação em questão. Tal construção envolve uma dinâmica de práticas e papéis sociais esperados para as mulheres a quem o livro se destina. Isso se revela na forma de tratamento que lhes é dirigida, nos exemplos trazidos, no “tom” de carta de aconselhamento que os textos têm e, sobretudo, na referência a renomados cientistas estrangeiros cujos trabalhos têm uma força interpelativa por meio do argumento de autoridade do qual o gênero propaganda se reveste ao longo de toda a publicação.

A constituição da posição-sujeito leitor mulher, de classe média, casada, mãe, dona de casa, que cozinha para a família, preocupa-se com a qualidade do que serve aos filhos e recebe bem suas visitas, desenvolve-se por meio de mecanismos de identificação de práticas sociais esperadas, lugares sociais ocupados e interlocução estabelecida com a voz-enunciadora do livro *200 Receitas do Açúcar União*. Todos esses mecanismos revelam o contexto histórico no qual a publicação foi lançada e o período durante o qual circulou. Como vimos na introdução e na primeira seção deste artigo,

trata-se de uma memória até hoje presente para muitas pessoas, de diferentes idades e gerações.

Analisar um material de tamanha circulação, e que ainda é reconhecido depois de tantos anos, implicou uma tomada de posição como analistas com a devida distância temporal e ideológica que temos do contexto em questão. Implicou, ainda, nosso posicionamento como sujeitos que enunciam essa análise na atualidade, em um momento em que o papel da mulher se constitui de outro modo, com a ocupação de cargos das mais diversas naturezas, tendo chegado, inclusive, à presidência da república, assumindo-se como trabalhadora, chefe de família, pesquisadora, eleitora, enfim, tendo poder de decisão em todas as áreas em que atua. Essa nova constituição, no entanto, não implica um apagamento da realidade de outras mulheres, como a construída pelos textos que compõem o livro de receitas que analisamos. Tampouco implica o desconhecimento de que as práticas e papéis sociais esperados para as mulheres daquela época ainda se mantêm em grande medida, por mais que tenha havido muitas mudanças.

Nesse sentido, ressaltamos o papel da pesquisa, que traz à tona questionamentos de situações estabelecidas e mobiliza a compreensão de diferentes aspectos nelas implicados. Este artigo deixa aberta a possibilidade de novos recortes no corpus e novas perspectivas de análise, considerando-se, inclusive, o enfoque em outros volumes da coleção *União* a fim de identificar outras recorrências e analisar possíveis transformações na posição-sujeito leitor ao longo dos anos. Desse modo, concluímos este artigo com a proposição de estabelecer uma dinâmica de diálogo fundamentado nas diferentes formações discursivas entremeadas nas relações que se constituem entre sujeitos, história, ideologia e sociedade e que emergem textualmente em materiais como o que foi aqui analisado.

## Referências

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença, 1970.
- BESSE, S. K. **Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil 1914-1940**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Editora USP, 1999.
- CAZARIN, E. A. A leitura: uma prática discursiva. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 6, n. 2, p. 299-313, maio/ago. 2006.
- COMPANHIA UNIÃO DE REFINADORES. **200 Receitas do Açúcar União**. 3. ed. São Paulo: Padilla Indústrias Gráficas, 1968. sem número de páginas.

GREGOLIN, M. R. Análise do Discurso e Mídia: a (re)produção das identidades. In: \_\_\_\_\_. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v. 4, n 11, p.11-25, nov. 2007.

ORLANDI, E. P. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In: ZIBERMAN, R.; SILVA, E. T. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1988. p. 58-77.

\_\_\_\_\_. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. São Paulo: Pontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. São Paulo: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. FUCHS, C. A propósito de uma análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F. HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Educamp, 1990. p. 163-252

*Recebido em setembro/2018.*

*Aceito em dezembro/2018.*

## ANEXOS

### Texto 1: AS RECEITAS DESTA LIVRO...

... não são receitas triviais dessas que a senhora encontra em qualquer livro de cozinha. São receitas realmente selecionadas, de doces variados e saborosos, enviadas por quituteiras de todos os quadrantes deste imenso Brasil. Tais receitas foram e continuam sendo compradas pela Cozinha experimental União (da Companhia União dos Refinadores), ao preço atual de trezentos cruzeiros cada uma, para serem publicadas no verso dos pacotes do Açúcar UNIÃO, “o famoso açúcar das grandes doceiras”.

A cozinha experimental União acha-se instalada em prédio próprio, à rua Oscar Freire Nº 1463, em São Paulo. As dependências são amplas e confortáveis, incluindo duas grandes cozinhas equipadas com o que há de mais moderno em matéria de utensílios de copa e cozinha. Dispõem de quatro fogões “Brastemp”, de uma geladeira e de um “freezer”. Venha visitar-nos que dará prazer.

Na sala de seleção, as diretoras de cozinha separam diariamente as receitas mais meritórias. Os respectivos doces são feitos por doceiras auxiliares, perfeitamente habilitadas e enviadas para a Junta Degustadora, composta de dez pessoas responsáveis, que se revezam periodicamente e que se incumbem de preencher uma ficha para cada doce, nas quais, após cuidadosa degustação, inscrevem suas notas, referentes exclusivamente ao paladar. As demais notas, de originalidade, de aparência, de economia e de facilidade de feitura, são privativas das diretoras de cozinha e das doceiras que aí trabalham. Como o sabor é o que mais importa em qualquer doce, a nota máxima, de paladar, vale cem pontos, ao ponto que as demais (originalidade, aparência, economia e facilidade de feitura) valem, no máximo, dez pontos cada uma. Assim, a nota mais alta que uma receita pode alcançar é de 140 pontos (cem de paladar, 10 de originalidade, 10 de aparência, 10 de economia e 10 de facilidade de feitura).

Este livro contém as 200 receitas adquiridas ultimamente.

Como já explicamos, foram cuidadosamente testadas pela cozinha Experimental União e melhoradas sempre que se tornou aconselhável.

Acreditamos que a senhora, mesmo não tendo prática na cozinha, possa executá-las... para seu orgulho de exemplar dona-de-casa e para a alegria de seus familiares.

COMPANHIA UNIÃO DOS REFINADORES  
Rua Borges Figueiredo, nº 237  
São Paulo

## Texto 2: O AÇÚCAR É INDISPENSÁVEL À VIDA HUMANA

Normalmente, o consumo cotidiano de açúcar deve ser de 70 gramas para os adultos e de um pouco mais para as crianças. Nos Estados Unidos, onde o consumo de açúcar “per capita” é mais elevado, admite-se que a cota diária seja, aproximadamente, de 90 gramas para adultos.

Quando a dosagem de açúcar resulta insuficiente, como sói acontecer em certos regimes de emagrecimento impróprios ou mal calculados, advém característico estado de fadiga, generalizado e progressivo, que tanto atinge o físico como o psíquico do paciente. Ainda assim, não se torna necessário recurso a revigorantes ou reconstituintes. Basta aumentar a dosagem diária de açúcar para o paciente recobrar a energia normal.

Tenha-se em conta que a taxa de açúcar imanente no aparelho circulatório tende a reduzir-se em certos momentos do dia. Pode, mesmo, haver insuficiência de açúcar periódica o que origina certos estados debilitantes, a que os médicos chamam de “hipoglicemias transitórias”. Estas se manifestam principalmente pela manhã. Muitas pessoas experimentam, ao acordar, uma sensação desagradável de fadiga, com dificuldade de deixar o leito e uma espécie de vazio no estômago. Para alguns, esses sintomas advêm ao findar o período matinal, por volta das onze horas. Basta, então, um copo de água açucarada para dissipar o mal-estar.

Está perfeitamente constatado que a dieta açucarada pela manhã é indispensável (a menos que se trate de diabético) sobretudo se a pessoa tiver de enfrentar algum esforço físico maior, como seja uma longa caminhada. As “hipoglicemias matinais” freqüentes são, por vezes, tão prejudiciais que podem acarretar síncope ou desfalecimentos. Cita-se o caso de um padre que precisou obter dispensa de jejum para poder celebrar a missa sem correr o risco de desmaiar.

Analisando esses estados de “hipoglicemia matinal”, alguns médicos indagaram se outras perturbações não poderiam decorrer da mesma causa, principalmente a estafa crônica, de que se queixam tantas pessoas, assim como a tendência para desmaios e síncope, sempre que não se constatasse outra origem.

Muitas vezes a taxa de glicemia, isto é, a taxa de açúcar no sangue é demasiado baixa. A averiguação é simples: basta que o médico proceda à dosagem do sangue. A taxa normal de glicemia é um grama a um grama e dez centigramas. Será, provavelmente, necessário aumentar a dose cotidiana do açúcar e contribuir para uma melhor assimilação com tratamentos hepáticos e vitaminados. As vitaminas do complexo B, por exemplo, são indispensáveis à perfeita absorção dos açúcares. Assim combatida, a fadiga hipoglicêmica desaparece.

Do exposto, conclue-se [sic] que a justa dosagem de açúcar no sangue é indispensável ao perfeito equilíbrio orgânico.

### **Texto 3: CRIANÇAS EM FASE DE DESENVOLVIMENTO**

Assevera o Dr. H. L. Herschensohn, dietista de fama internacional, que a dieta com deficiência de açúcar pode acarretar distúrbios ao delicado aparelho infantil.

Eis como se expressa:

“Não negue à família as vantagens do açúcar, tão necessárias especialmente às crianças em fase de desenvolvimento. Uma colher de chá de açúcar contém apenas quinze calorias, mas produz de pronto energia e elimina a fadiga resultante do esforço físico. Às vezes, a falta de açúcar ocasiona problemas de procedimento pessoal, quando o sistema nervoso é afetado por essa insuficiência.”

O ilustre facultativo tem absoluta razão: O açúcar é indispensável à formação dos tecidos de reserva da criança.

Minha senhora, aceite o nosso conselho: Adoce a dieta de seu filhinho com o puríssimo Açúcar UNIÃO, que merece sua irrestrita confiança.

### **Texto 4: UMA OPINIÃO VALIOSA**

Palavras da nutricionista Da. Elvira Iglésias Antonelli, responsável pela Seção de Nutrição do Serviço de Saúde Escolar, o qual se encarrega do problema da alimentação dos alunos de quase duas mil escolas desta Capital e do Interior:

“Conforme pesquisas efetuadas em nosso meio escolar, o baixo nível de nutrição constitui uma das mais poderosas forças contra o progresso físico, mental e social da criança. O período de desenvolvimento da criança escolar se caracteriza por uma grande atividade que exige consideráveis gastos de energia. O consumo energético gira em torno de 50% da necessidade calórica total diária. A merenda escolar adequada deve refletir, em escala reduzida, as mesmas proporções da dieta total. O lanche ideal deve fornecer entre 400 e 600 calorias, 50% das quais são fornecidas pelo açúcar e outros hidratos de carbono.

De fato, Da. Elvira tem razão: A criança em idade escolar depende, em seus naturais folguedos, calorias que devem ser recuperadas imediatamente pela ingestão de alimentos açucarados. Criança privada de açúcar é desnutrida e enfermiça. Ouça, a esse respeito, a opinião do seu pediatra. Sem dúvida, êle será o primeiro a recomendar o Açúcar UNIÃO, refinado a mais de 120 graus e inteiramente produzido sem contato manual.

### **Texto 5: O TOQUE FINAL**

Nós sabemos que a senhora faz questão de receber suas visitas com a maior cordialidade, provando ser dona-de-casa prestimosa e hospitaleira.

Naturalmente, a senhora espera que os convidados levem da acolhida que tiveram a melhor das impressões, que saiam de sua casa satisfeitos, elogiando a excelência do passado.

Se a senhora costuma receber visitas para jantar, deve saber quão importante é o toque final de uma boa refeição. Se a maionese esteve deliciosa, o assado excelente, a sobremesa magnífica, isso tudo pode ser prejudicado por um toque final impróprio, que deixou de ser um arremate condigno.

Minha amiga: o toque final, a chave de encerramento de um jantar perfeito consiste num cafezinho bem quente, bem aromático e, sobretudo, bem saboroso.

Evidentemente, a senhora já percebeu que estamos nos referindo ao Café CABOCLO, o café feito pela Companhia União dos Refinadores especialmente para servir aos paladar das visitas mais exigentes. É por isso que muita gente diz que “o Café CABOCLO é irmão do Açúcar UNIÃO!”

### **Texto 6: ASSIM FALAVA METCHNIKOFF**

O famoso biologista Metchnikoff (Prêmio Nobel), revelando o fantástico papel das bactérias do ácido lático no aparelho digestivo, elevou a coalhada às culminâncias de elixir da longa vida!

Ora, coalhada requer açúcar e o açúcar, com suas calorias e proteínas, é, por sua vez, tido como verdadeira fonte de vitalidade. É assimilado rapidamente, transformando-se como o demonstrou o não menos famoso Claude Bernard, no combustível por excelência do sistema muscular.

Resta-nos apenas acrescentar que a coalhada exige açúcar absolutamente puro. Do contrário, ficará encardida, com aspecto pouco convidativo. O açúcar UNIÃO, refinado a mais de 120 graus, é puríssimo e garante uma coalhada branquinha e saborosa.

Escolha o melhor para a sua família e não faça concessões: prefira o Açúcar UNIÃO, o único que não altera a cor da coalhada.

### **Texto 7: AOS ESPORTISTAS**

Os grandes esportistas, como os do selecionado brasileiro, que chegou a ser bi-campeão mundial de futebol, incluem na sua dieta boa dosagem de açúcar.

Sabem porque?

A explicação é simples: o açúcar comunica ao sistema muscular extraordinária resistência à fadiga. Quando o futebolista é mal alimentado de açúcar, seu rendimento decresce à medida que o jogo se aproxima do término. O quadro demonstra cansaço; por falta de fôlego os jogadores correm menos e a derrota se torna inevitável.

Explica-nos o professor Charles Richet que, dez minutos após a absorção de açúcar, e este invertido pelos sucos intestinais, agindo imediatamente sobre todos os músculos do corpo, desde o mais vital de todos – o coração – até os pequeninos extensores que movem nossos dedos mínimos. O açúcar – conclui o Prof. Richet – é o alimento do esforço.

Se você é esportista, nunca se esqueça de que o açúcar mais puro que o Brasil produz, refinado a mais de 120 graus, é o famoso Açúcar UNIÃO, da Companhia União de Refinadores.

## **Texto 8: PAPEL DO AÇÚCAR NA ECONOMIA ORGÂNICA**

A dietética, em sua rápida evolução, pôs em relevo o extraordinário papel do açúcar no equilíbrio orgânico. Quando Claude Bernard, o célebre pioneiro da ciência experimental do século passado, se dedicava ao estudo dos fenômenos químicos da digestão, particularmente do açúcar de cana pelo fermento inversivo, vislumbrava já o valor dos hidratos de carbono na alimentação. Tendo descoberto as funções do pâncreas na assimilação das gorduras, pôde demonstrar também a função glicogênica do fígado.

Hoje, ninguém mais ignora o papel do açúcar na formação do tecido de reserva do organismo humano. Está provado que 225 gramas de açúcar correspondem a 100 gramas de gordura alimentar. Assim, o açúcar é considerado como o mais perfeito dos alimentos ternários, pois, uma vez invertido pelo suco intestinal, é inteiramente assimilado pela economia, comunicando ao sistema muscular grande resistência à fadiga. Foi, pois, com razão que Claude Bernard chamou o açúcar de “carvão dos músculos”.

Por que “carvão dos músculos”? Por que serviu –se dessa expressão?

É simples explicar: No século passado o carvão, que alimentava as famosas locomotivas a vapor, constituía o mais atualizado símbolo de energia.

*(Continua na página seguinte)*

*(Continuação)*

Em se tratando do organismo infantil, mais relevante ainda é o papel do açúcar. Está provado que a insuficiência deste acarreta distúrbios característicos: curva de peso anormal, tecidos flácidos, diminuição da motilidade, modificação do humor e hipotermia.

Entretanto, é necessário que se tenha em conta que o açúcar a ser consumido pelas crianças deve ser puríssimo, isto é, absolutamente isento de elementos estranhos e, por vezes, nocivos à saúde. Essa pureza integral se impõe sobremaneira, uma vez que o açúcar – gulodice de criança – é geralmente consumido “in natura”.

É o caso do Açúcar UNIÃO, duplamente refinado a mais de 120 graus e inteiramente industrializado sem contato manual.

*LEMBRETE ÀS MÃES: Ao preparar a refeição de seu filhinho lembre-se dos cuidados essenciais: A água deve ser filtrada; o leite deve ser pasteurizado; o vasilhame deve ser esquentado e o açúcar deve ser refinado. E, por falar em refinado, lembre-se de que os médicos pediatras recomendam o Açúcar UNIÃO como o “mais puro açúcar que o Brasil produz”.*

### **Texto 9: BONS INGREDIENTES SÃO INDISPENSÁVEIS**

O melhor confeitador não consegue fazer bons doces com ingredientes de má qualidade.

Se a senhora pretende fazer doces apetitosos, desses que as visitas elogiam e repetem, lembre-se de que não basta seguir à risca as receitas deste livro. É preciso ter muito cuidado com os ingredientes, selecionando-os rigorosamente: farinha de trigo sem mistura, ovos absolutamente frescos, fermento novo, frutas perfeitas e assim por diante.

Quanto ao açúcar, não há problema: todo mundo sabe que o Açúcar UNIÃO é excepcional, não havendo outro que se lhe compare. UNIÃO é alvíssimo, sempre enxuto e altamente solúvel. Além disso, é o único açúcar que não varia de qualidade: ontem, hoje e amanhã, sempre o mais puro açúcar refinado do Brasil!

E não se esqueça, minha senhora: é da boa matéria-prima que depende a boa obra.

### **Texto 10: APENAS UMA XÍCARA DE CAFÉ**

Mas você já pensou o quanto pode significar uma simples xícara de café que se oferece à visita amiga? Sinônimo de hospitalidade, demonstração de bemquerença e testemunho dêsse espírito social que tão necessário se faz nos dias conturbados em que vivemos!

Nunca deixe de oferecer uma xícara de café à visita amiga! Mas prove, também, ser pessoa de bom gosto: ofereça o melhor, o café de paladar mais fino, de sabor mais delicado. Ofereça o Café CABOCLO – Éta cafezinho bom! – Sobeeja razão aos que dizem que “o Café CABOCLO é irmão do Açúcar UNIÃO!”

*As crianças gostam tanto de doce porque o açúcar é indispensável ao desenvolvimento do sistema muscular. Seu filho merece o melhor: Açúcar UNIÃO, o mais puro açúcar que o Brasil Produz.*

### **Texto 11: O AÇÚCAR É INSUBSTITUÍVEL**

O Serviço de Alimentação e Higiene Escolar do Departamento de Ensino Profissional de São Paulo, procedendo a amplas pesquisas dietéticas,

conclui que toda criança em idade escolar reclama dieta diária de cerca de 80 calorias por quilo do seu próprio peso.

Após estudar as possibilidades alimentares do nosso meio, os competentes dietistas do Serviço de Alimentação e Higiene Escolar organizaram o seguinte quadro de rações diárias, adequado a crianças de idade escolar:

Pão.....250 g	Carne ou peixe.....100 g
Manteiga.....30 g	Hortaliças.....100 g
Queijo.....20 g	Fubá.....50 g
½ litro de leite	Azeite.....20 g
Café em pó.....25 g	Um ovo
Sal.....12 g	AÇÚCAR.....90 g
Algum condimento	Arroz.....100 g
Laranjas..... 500 g	Batatinhas.....90 g
Bananas.....200 g	

Assim, não somos nós, mas os abalizados dietistas do Serviço de Alimentação e Higiene Escolar, que dizem que as crianças devem ter, na sua dieta diária, entre outros alimentos, 90 gramas de açúcar, ou de “sacarose”, para nos servirmos de expressão mais científica. Esse açúcar, produto inteiramente vegetal, extraído da cana, não pode ser substituído pelos adoçantes sintéticos, sob pena de não fornecer às crianças as indispensáveis calorias.

*(Continua na página seguinte)*

*(Continuação)*

Açúcar é vitalidade, é o “carvão dos músculos”, na sábia expressão de Claude Bernard. Criança convenientemente suprida de açúcar é criança saudável, corada, bem disposta.

E, por falar em açúcar (Não se esqueça!) o melhor açúcar refinado que o Brasil produz, o mais alvo e solúvel, o mais puro e higiênico é, sem sombra de dúvida, o Açúcar UNIÃO, da Companhia União dos Refinadores.

*LEMBRETE ÀS MÃES: Ao preparar a refeição de seu filhinho lembre-se dos cuidados essenciais: A água deve ser filtrada; o leite deve ser pasteurizado; o vasilhame deve ser escaldado e o açúcar deve ser refinado. E, por falar em refinado, lembre-se de que os médicos pediatras recomendam o Açúcar UNIÃO como o “mais puro açúcar que o Brasil produz”.*

## **Texto 12: O PAPEL DO AÇÚCAR NA NUTRIÇÃO**

*(Às Pessoas de bom senso)*

Se o açúcar fosse prejudicial à saúde, engordando as criaturas desnecessariamente, como explicar que a própria Natureza o tenha colocado nas frutas, no vegetais, no sangue humano e até no leite materno?

Você, que é pessoa sensata, não vai supor que a Natureza tenha errado e que nos compete corrigí-la.

Explica o Prof. Charls Richet que, dez minutos após a absorção de açúcar, é este invertido pelos sucos intestinais, agindo imediatamente sobre todos os músculos do corpo, desde o mais vital de todos, o coração, até os pequeninos extensores que movem nossos dedos mínimos. O açúcar – conclui o Prof. Richet – é o alimento do esfôrço.

As crianças necessitam mais de açúcar do que os adultos. Lembre-se de que a carência de açúcar no organismo infantil resulta, inevitavelmente, em deficiência calórica e a criança torna-se pálida, anêmica e mal-humorada. É a chamada “hipoglicemia” que os médicos combatem receitando dietas ricas e carbo-hidratos, isto é, em açúcar.

A pessoas sensatas também sabem que não é sem razão que as crianças gostam tanto de doce. A Natureza sabe o que faz. Lembre-se de que o açúcar – alimento energético por excelência – contribui para o justo suprimento de calorias. Além disso, não permite a instalação de acidose, poupa as proteínas e favorece a exoneração intestinal.

*(Continua na página seguinte)*

*(Continuação)*

As crianças, naturalmente travêssas, “vendendo” saúde e alegria, pulam de lá pra cá o dia todo, despendendo calorias que precisam ser recuperadas urgentemente. Como? Pela absorção de açúcar, pois êste é o único alimento que fornece ao organismo energia muscular imediata.

O açúcar, rico em calorias, faz crianças robustas e coradas! Não vai nessa afirmativa nenhuma novidade, pois, já no século passado, o famoso cientista Claude Bernard, que descobriu a função glicogênica do fígado, costumava chamar o açúcar de “carvão dos músculos”.

*LEMBRETE ÀS MÃES: Ao preparar a refeição de seu filhinho lembre-se dos cuidados essenciais: A água deve ser filtrada; o leite deve ser pasteurizado; o vasilhame deve ser escaldado e o açúcar deve ser refinado. E, por falar em refinado, lembre-se de que os médicos pediatras recomendam o Açúcar UNIÃO como o “mais puro açúcar que o Brasil produz”.*

### **Texto 13: A IMPORTÂNCIA DO ALIMENTO ENERGÉTICO**

O açúcar – fornecedor habitual de calorias e energia ao organismo – é conhecido como “alimento energético”. Uma vez ingerido, atua imediatamente sobre o sistema muscular e contribui para o aproveitamento e queima das gorduras, fenômeno esse que requer a presença de carbo-hidratos.

Em se tratando de dieta rigorosa e a critério médico, a dosagem diária de açúcar poderá ser reduzida transitoriamente, mas nunca totalmente eliminada, para evitar o colapso dos meios naturais de reação do organismo.

Normalmente, é pequena a quantidade de açúcar no organismo humano, transformado principalmente em glicogênio e armazenado no fígado e nos músculos. Esse açúcar desgasta-se rapidamente quando o paciente tem fome. Trata-se pois de alimento de rápida utilização, indispensável à produção do calor orgânico e à atividade muscular, o que o torna imprescindível, sobretudo quando se refere a crianças.

Devemos acrescentar que o açúcar impede a formação de acidose no organismo, poupa as proteínas, contribui para o desenvolvimento normal dos tecidos de reserva e ainda, como celulose, concorre para dar volume e consistência ao bôlo intestinal, evitando a obstipação.

O que dissemos explica porque a própria Natureza induz as crianças a gostarem tanto de doce e porque a senhora não deve contrariá-las. Tenha, porém, o cuidado de selecionar, para seus filhos, um açúcar realmente puro, perfeitamente refinado e empacotado sem contacto manual, isto é, o Açúcar UNIÃO da Companhia União dos Refinadores.

#### **Texto 14: QUEM FOI CLAUDE BERNARD?**

Claude Bernard, célebre fisiologista francês (1813 – 1878) introduziu o “método experimental” na medicina. Além de seus avançados conhecimentos teóricos, foi um dos mais hábeis cirurgiões de seu tempo. Tão grande era a sua perícia com o bisturi, que Magendie – famoso cirurgião europeu – não pôde conter-se: “Eh bien, tu es plus fort que moi!”

Claude Bernard demonstrou a ação do pâncreas na digestão das gorduras, a função glicogênica do fígado e a existência de centros nervosos independentes.

Entre outros feitos, Claude Bernard revelou à Humanidade o maravilhoso papel do açúcar na economia orgânica. Provou que, sem açúcar – alimento energético indispensável – não pode existir vida n face da Terra. Tenha-se em conta que tal asserção é plenamente confirmada pela ciência moderna. O açúcar, fornecendo calorias ao organismo, é indispensável e insubstituível.

Isso explica porque a própria Natureza induz as crianças a gostarem tanto de doce: o organismo infantil exige açúcar.

Só nos resta acrescentar que convém dar às crianças um açúcar realmente refinado e empacotado sem contato manual, isento, pois, de qualquer possível contaminação. Referimo-nos, evidentemente, ao Açúcar UNIÃO, da Companhia União dos refinadores, produto merecedor da nossa inteira confiança.